

## O criacionismo de Leonardo Coimbra

### Trajectória de uma ideia

A reflexão filosófica de Leonardo Coimbra inscreve-se, desde o início, num movimento que se opõe conjuntamente ao empirismo e ao formalismo de todas as cores e proveniências.

A recorrência de uma constelação de temas e expressões facilmente identificáveis confere ao seu pensamento, aparentemente errante, estrutura e dignidade de construção fundamentalmente itinerante. Referimo-nos de modo especial às categorias de *direccionismo* e *excedência*, de *razão experimental* e *razão cósmica*, de *visão diurna* e *visão nocturna*, de *continuidade moral* e de *infinito amor*, de *esquecimento* e *memória* e seus derivados, mas, sobretudo, à ideia matriz em torno da qual as demais se situam e gravitam, ou seja, ao *criacionismo*, que deu título ao que o próprio Leonardo Coimbra classificou de esboço de um sistema filosófico<sup>1</sup>.

Após breve apresentação das coordenadas que definem o *criacionismo*, tentaremos surpreender a presença actuante desta ideia-força na configuração de alguns momentos mais decisivos e solenes ao longo de todo um percurso que da mais elementar realidade mecânica nos eleva à superior realidade da vida espiritual da pessoa consciente e livre.

---

<sup>1</sup> O *Criacionismo* (C.), Porto, 1912, p. 3. Podemos ver aqui, ainda que apenas metodologicamente, uma concessão ao positivismo cientista. Cf. M. C. FREITAS, «Leonardo Coimbra. Incidências positivistas na sua Filosofia» em *Revista Portuguesa de Filosofia* t. XVI, 3 (1960).

## 1. Natureza e extensão do criacionismo

A doutrina criacionista impõe-se a partir da análise «daquele ser mental que se garante mais pronta e seguramente», ou seja, da ciência<sup>2</sup>. É por isso mesmo, e antes de mais, ainda que metodologicamente, um criacionismo gnosiológico. Nesta acepção, o *criacionismo* afirma que o conhecimento resulta duma actividade racional que elabora intuições. Deste modo, fica garantido o espírito, mas, acrescenta Leonardo Coimbra, «o espírito sensível e livre». O espírito humano é sensível porque, explica, «não tira a sua vida do isolamento, mas da acção; livre, porque longe de se fundir no fluxo sensível, o domina e coordena»<sup>3</sup>. A qualidade do criacionismo gnosiológico não reconhece a existência de «um pensamento de puras ideias nascidas de uma absoluta espontaneidade; o pensamento humano é sempre o pensamento de actividades em recíproca dependência e em busca de harmonia e fraternização»<sup>4</sup>. Por conseguinte, «a forma e a matéria do conhecimento são noções e não coisas distintas», uma em frente da outra, estranhas e impenetráveis<sup>5</sup>:

Em nenhum momento do pensamento científico e até em nenhum momento do pensamento vulgar se pode dizer: até aqui temos experiência pura, aqui começa a acção das hipóteses elaboradoras; ou, até aqui temos pensamento puro, vai agora entrar a pura experiência. Todos os esforços para separar este acto único da vida do pensamento dão meras soluções verbalistas como em Kant, como em Leibniz, etc.<sup>6</sup>.

Tudo o que se pretenda encontrar isoladamente do lado do sujeito ou do lado do objecto é esquecimento da unidade funcional sujeito-objecto<sup>7</sup>.

O pensamento é portanto criacionista não porque crie a realidade, mas porque a sua adaptação à vida social é obra da sua liberdade efectiva, isto é, da sua acção solidária. E assim a realidade é uma permanente criação<sup>8</sup>.

O criacionismo gnosiológico incide sobre a representação que a inteligência para si mesma vai criando da realidade, que nunca se lhe dá

<sup>2</sup> C., p. 4.

<sup>3</sup> *Ibid.*

<sup>4</sup> C., 1-2.

<sup>5</sup> C., 4.

<sup>6</sup> *A Razão Experimental* (RE), Porto, 1923, p. 225.

<sup>7</sup> *A Luta pela Imortalidade* (LI), Porto, 1918, p. 78; Vejam-se também: RE p. 90; *O Pensamento Criacionista* (PC), Porto, 1914, p. 25; *A Morte* (M), Porto, 1913, p. 19.

<sup>8</sup> LI., p. 31.

de modo directo e imediato, mas sempre como modificação da sua capacidade apreensora. É o que bem exprime um passo assaz claro e elucidativo:

Quando apreendo uma flor será ela uma criação da minha sensibilidade ou entendimento? Não existirá em si uma actividade genésica que a flor actualiza? Existe e não sou eu que a crio tomando dela conhecimento; a minha consciência é que revive as relações que constituem essa realidade e tal é a qualidade do criacionismo do nosso pensamento. Não acrescentamos, fazemo-nos convivas; comunicamos e sobre o primeiro movimento de comunicação erguemos toda a nossa vontade de mais e penetrante convivência <sup>9</sup>.

O *criacionismo* situa-se em pleno coração duma realidade irreductível e inesgotável e, no limite, conceptualmente excedente e inefável. Na verdade, «se o pensamento é a realidade mais indubitável e profunda» <sup>10</sup>, «o próprio pensamento diz a sua relatividade, coloca a sua realidade psicológica no meio de uma realidade mais vasta e activa» <sup>11</sup>.

Importa sublinhar desde já a afirmação do carácter activo dessa realidade envolvente a mostrar que o *criacionismo* tem, no pensamento de Leonardo Coimbra, um alcance essencialmente espiritual e ontológico como se depreende claramente deste passo:

O mundo não é acrescentado naquelas relações que constituem a sua primitiva existência social, essas são na consciência divina e em cada consciência que as apropria revivendo; o indefinido acréscimo do mundo vem do fundo inesgotável de beleza e bondade, que é a sua realidade dramática de consciências, que, sempre e melhor, se buscam e exprimem <sup>12</sup>.

A própria ciência revela, ao lado da matéria inorgânica, a existência de seres vivos que submetem os automatismos herdados ao seu poder de inovadora coordenação ou liberdade <sup>13</sup>. A noção de vida vem mostrar que «a intuição excede a racionalização estática e que o espírito, sob o perigo de se render, cede em evidência e rigorismo, para viver em conceitos tão cheios de vida interior que as combinações formais perdem o alcance, a utilidade e o sentido» <sup>14</sup>. Sob essas

<sup>9</sup> *LI.*, p. 253-254.

<sup>10</sup> *C.*, p. 212.

<sup>11</sup> *C.*, p. 1; *LI.*, p. 18.

<sup>12</sup> *LI.*, p. 254.

<sup>13</sup> *C.*, p. 4.

<sup>14</sup> *C.*, p. 4-5.

combinações a que se reduz a ciência, «a intuição é um imenso oceano fremente sob os sulcos da superfície que nela rasgaram os estremecimentos da profundidade que a arte é chamada a revelar e exprimir como perene fonte de intuição»<sup>15</sup>.

Se a ciência, que coordena e organiza sensações, e a arte, que revive e fixa emoções, são obras de um espírito livre e criador no sentido acima exposto, a *filosofia* é, para o nosso autor, o *órgão da liberdade*<sup>16</sup>. E isto porque a filosofia é, antes de mais, a *criação* ou tomada de consciência da superioridade ou excedência do espírito sobre todas as coordenações realizadas pela ciência e por ele orientadas ou livremente *dirigidas* para os fins ideais da pessoa. De facto, a análise da ciência permite demonstrar «que o ser é um conjunto de noções reais e não de coisas e que essas noções não são o resultado de associação de sensações nem o resultado duma pura espontaneidade do Espírito»<sup>17</sup>. Esta mesma análise mostra que ao lado de realidades materiais existem realidades que vivem num tempo seu, sendo por isso mesmo, «*evolutivas e criadoras*». Mas é sobretudo no âmbito da realidade espiritual ou pessoa que a força criadora surge em toda a sua originalidade e pujança pois «o espírito humano tem a liberdade de opor ao fluxo sensual afirmações ideais». A este propósito Leonardo Coimbra pode afirmar com toda a razão que «o homem não é uma inutilidade num mundo feito, mas obreiro dum mundo a fazer»<sup>18</sup>. Nesta afirmação está implícita a ideia de que o *Criacionismo* cobre todas as manifestações da actividade humana desde as mais simples e coladas à realidade material até às mais complexas e livres da inteligência e da vontade.

Tendo caracterizado o *Criacionismo* nas suas linhas gerais e referido o âmbito praticamente ilimitado de suas expressões, examinaremos a sua fecundidade explicativa no fenómeno do conhecimento em geral e, em particular, no conhecimento intersubjectivo e ainda no tocante ao problema de Deus.

## 2. O fenómeno do conhecimento

A análise filosófica da construção científica chega à conclusão de que «a vida consciente na sua plena manifestação, isto é, a pessoa, é a

---

<sup>15</sup> C., p. 5.

<sup>16</sup> C., p. 5.

<sup>17</sup> *Ibid.*.

<sup>18</sup> *Ibid.*.

realidade mais verdadeira e completa»<sup>19</sup>, e de que «a última realidade a que chega a síntese filosófica é uma sociedade de seres activos e livres livremente criando e exaltando os domínios da Consciência»<sup>20</sup>.

O conhecimento é uma das actividades fundamentais da vida da pessoa que ela efectivamente exerce sobre toda a Realidade. Isto significa que a Realidade é profundamente penetrada de inteligibilidade, oferecendo-se mais ou menos dócil às solicitações da inteligência.

O que é certo, duma certeza não só emotiva, mas lógica e científica é que as grandes linhas da Realidade nos revelam nos seres e nas coisas um fundo comum de actividades solidárias, um pluralismo que a acção liga e unifica, a melhor síntese, uma relação que se complica e enriquece sendo em nossa memória consciente a coexistência de vidas, e palavra de união e concórdia, o prolongamento de cada ser na intimidade de todos os seres. Sim; é evidente que a mais rica e harmoniosa síntese é a duma memória consciente, tomando do seu fundo voluntário e atento, proporcionada posse do Universo em que convive<sup>21</sup>.

Este texto é de capital importância para a compreensão do melhor de todo o pensamento de Leonardo Coimbra. Nele se afirma, antes de mais, que todos os seres constituem uma sociedade, onde se trocam actividades que são serviços, uma como espécie de família onde há conversas de solidariedade, compreensão e amor. Existe pois uma multiplicidade de seres que na acção e pela acção se relacionam e unificam na realidade dramática que é todo o Universo. Curiosa e bem significativa a afirmação de que é a acção que realiza a melhor síntese, a lembrar que a realidade é viva e criadora e que no seu seio nenhum interlocutor se perde ou diminui, antes se afirma e enriquece. Esta união adensa-se e vitalmente se consolida nas memórias conscientes, sendo aí uma permanente coexistência de vidas ou de presenças vivas de cada um a todos os outros e de todos os outros a cada um. Este fundo ontológico comum, esta *excedência* de todos em cada um possibilita o conhecimento como actualização proporcionada ou analógica da memória latente dos outros em cada mesmo dentro do Universo em que vivem e convivem. E tudo isto afirmado em nome de uma certeza não apenas emotiva, mas de lógica científica e filosófica.

---

<sup>19</sup> C., p. 256.

<sup>20</sup> *Ibid.*

<sup>21</sup> LI., p. 257.

a) *O conhecimento em geral*

A filosofia criacionista vê no pensamento científico uma progressiva ou assintótica «aproximação ao pensamento cósmico ou absoluto que é o sistema integral do Ser no qual se daria a identidade do ser e da representação que aqui seria antes apresentação»<sup>22</sup>. Nesta perspectiva, o mundo sensível mostra-se penetrado de pensamento dando-se como adaptação do mundo biológico ao pensamento racional ou sistemático, que é o Ser<sup>23</sup>. As sensações são sinais da realidade e, por isso mesmo, a ciência que nelas se apoia, interpretando e construindo, é desde o início e sempre uma simbólica da Realidade<sup>24</sup>. No polongamento desse esforço criacionista de convergência e unificação, Leonardo Coimbra vai encontrar, derramados em toda a face da Natureza, esboços ou rudimentos desse amoroso abraço que tudo conserva e unifica. É o momento do pensamento criacionista em que a inércia — expressão da mais ínfima realidade física — é interpretada analogicamente como afirmação social da comunicação dos seres<sup>25</sup>, ou seja, como «o laço mínimo que una cada presença a todas as outras»<sup>26</sup>. Por sua vez, o movimento — a mais simples forma das relações — é visto como «a mais clara linguagem de convívio e acordo»<sup>27</sup>. Porque leva e traz informações, isto é, porque une entre si todos os seres, dos mais próximos aos mais afastados, o movimento é assumido como esquema de onnipresença. É também dentro do contexto do simbolismo do movimento e esforço que o trabalho é por Leonardo Coimbra filosoficamente atendido e valorizado, pois, «todo o trabalho é movimento e até a meditação mais silenciosa e interior é acompanhada duma prefiguração de movimento»<sup>28</sup>. Na palavra *Universo* vibra e fala tudo quanto de tensão, ascensão e heroísmo carregam os seres dela fazendo «a mais bela e a mais filosófica de todas as palavra que o pensamento dos povos gerou»<sup>29</sup>. O Ser ou sistema integral da realidade é concebido como uma infinita presença enchendo o nada. Impossível abolir o ser:

---

<sup>22</sup> PC., p. 138.

<sup>23</sup> M., p. 17.

<sup>24</sup> LI., p. 108.

<sup>25</sup> LI., p. 147.

<sup>26</sup> LI., p. 255.

<sup>27</sup> LI., p. 161.

<sup>28</sup> *Ibid.*

<sup>29</sup> PC., p. 215.

O Mar preme do hercúleo poder das suas ondas, o *ser* invade e *inter-na-se* com a infinita presença da realidade<sup>30</sup>.

Nada existe em simples isolamento e solidão. Todos os seres são devedores uns aos outros do ser que são. É assim que a existência de cada um só é possível pelo consentimento de todos os outros:

Quando digo que existo é o Universo inteiro que pela minha boca vem falar dizendo: *Consinto*. Se digo eu, é o Infinito que fala unindo esse *eu* a um *nós*, que os meus ouvidos podem não escutar, mas que o corpo obediente às ligações gravíficas respeita e conhece<sup>31</sup>.

Esta universal presença que une e fraterniza todos os seres é, para Leonardo Coimbra, o Transcendente ou Infinito em que mergulham, e «brinca em todos os crepúsculos matinais que anunciam o Sol e são já o seu sorriso e descansa na última nuvem que depois do Sol é a graça, o excesso sobre a plenitude»<sup>32</sup>.

As formas de objectividade que a vida social cósmica vai organizando e apreendendo, porque a consciência reflectida é uma das suas criações, vão, pois, desde a actividade mecânica, esquema do agir social, pela herança e memória biológica até à clara consciência que um ser toma de si e do Universo<sup>33</sup>.

Este texto significativo afirma que a consciência é um das criações da vida social cósmica, ela mesma um excesso em relação às realidades que lhe são inferiores, mas a esse excesso é claramente indicada uma tarefa ou cometimento, podíamos talvez dizer, o encargo ou destinação de apreender e guardar a presença de toda a realidade que em si e no Universo encontra. Quer dizer, o excesso ou excedência só é luxo e esbanjamento em relação às realidades inferiores, mas, em si mesmo, é já o ensaiar de novos e ulteriores cometimentos, até ser, por último, a fonte dadivosa de amor que só é e vive na medida em que contínua e desmedidamente se prodigaliza<sup>34</sup>.

Fora dessa fonte inexaurível de águas vivas, a *excedência* de um ser, o seu já estar aonde ainda não se encontra, é como que a sua *saudade*.

---

<sup>30</sup> *A Alegria, A Dor e A Graça (ADG)*, Porto, 1920, p. 147.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 147-8.

<sup>32</sup> *LI.*, p. 94.

<sup>33</sup> *LI.*, p. 230.

<sup>34</sup> Veja-se a propósito o artigo «O Espírito do Cristianismo» em *A Nossa Revista* 6-7 (1922), Porto.

Além de expressamente afirmada, esta doutrina é ilustrada por inúmeros textos:

Toda a excedência dum ser pode dizer-se a sua saudade: a névoa a saudade da água, a água a saudade do gelo, o perfume a saudade da flor, a flor a saudade da raiz. E assim os seres ascendem e alargam o âmbito da existência.

A água beija as raízes, ondula e abraça, e, de alongados dedos, vai em névoa afagar os ramos; o gelo estabiliza os contactos, limita-os a uma presença geométrica, faz-se água e corre a todas as sedes, multiplica os ósculos da sua corredia presença; a flor solitária faz-se perfume convidativo e troca genésica, acrescentamento da vida.

A saudade é o crescimento, cada ser é uma forma, mas também uma matéria de formas superiores, matéria pejada, convulsa de tendências<sup>35</sup>.

Aqui se revela a qualidade do saudosismo de Leonardo Coimbra que até pela sugestão do movimento ascensional das metáforas utilizadas bem mostra que a saudade se dirige para diante e para o alto, para o futuro e não para o passado. O mesmo se depreende do seguinte passo:

Saudade... movimento pendular do coração lusiada entre a pátria e todas as Índias que se atingem e aquela Índia de miragem que não é nenhuma destas e sempre se procura e se deseja, quando estas se nos deparam<sup>36</sup>.

Leonardo Coimbra tem consciência de inovar relativamente ao sentido que dá ao sentimento saudoso porquanto, depois de afirmar que a saudade se reporta a coisas e lugares que *olhos do nosso rosto jamais viram*, acrescenta:

Este alargamento da Saudade, que para muitos é simples desejo de ver o que foi nosso e se afastou, dá-lhe o verdadeiro e luminoso sentido.

Ela é a nostalgia do mundo invisível que o pensamento criou, é a aura de mistério que marca a interferência da luz ideal do sonho com a crua realidade<sup>37</sup>.

Não é uma qualquer melancolia derrancada e passadiça vivida no plano da simples sensibilidade animal, mas, pelo contrário,

a melancolia no *encarcerado do homem* que quer ir a Deus; nostalgia sideral, saudade do seu espírito luminoso pelo éter irmão... melancolia religiosa, metafísica fora do alcance dos que propositadamente se fizeram imunes contra tal doença<sup>38</sup>.

<sup>35</sup> «João Lúcio» em *A Águia*, 2.ª série, XI (1918) 129-34.

<sup>36</sup> «Sobre a Saudade» em *A Águia* 3.ª série (1923).

<sup>37</sup> «João Lúcio» em *A Águia*, 2.ª série, XI (1918) 129-34.

<sup>38</sup> «O Poeta Teixeira de Pascoais» em *Ilustração Popular* 16 (Porto) 1909.



Mas a verdadeira dimensão metafísica da Saudade é-nos dada no preciso momento em que o homem, em definição lapidar, deixa de ter saudades para ser «a própria estátua da Saudade, o Adão deste mundo de imagens que dentro de nós vem surgindo»<sup>39</sup>.

De algum modo, a Saudade é o sentimento da presença de cada *mesmo* em todos os *outros*. O Desejo ou Saudade que alimenta e promove os particulares desejos ou vivências saudosistas é, no fundo, o Desejo, a Vontade (Blondel), e a Fome (S. Agostinho) duma Presença total (Lavelle), duma Memória perfeita, duma Verdade absoluta, ou seja, duma Vida viva que seja uma fonte de águas vivas. Nesta perspectiva, o esquema da Saudade revela-se de grande fecundidade como horizonte interpretativo da doutrina criacionista, particularmente no tocante ao fenómeno do conhecimento. Nele é bem visível a mútua compenetração, a quase identificação de Saudade e Criacionismo.

De facto, a Saudade aparece-nos como «um suave fogo de amor», no dizer de D. Francisco Manuel de Melo, como ânsia insofrida de tudo querer abraçar e compreender:

Para todos os cantos do Espaço, por todos os caminhos da terra e por todas as estradas do céu fomos lançando fios de *desejo e sonho* que a Vida vai partindo em seu desajeitado caminhar e em nós fica a lembrança desses sonhos em corpo espectral de Saudade<sup>39</sup>.

Desejamos e queremos do mais fundo do nosso ser uma unidade perfeita, uma presença total e é a própria Vida que, com a sua presença tutelar, através de sucessivos desencantos e frustrações, nos adverte de que só num além dos sentidos será possível a Memória perfeita em cujo seio nada se esquece<sup>40</sup>. São, de facto, os abalos e sobressaltos da Vida que da *visão solar ou diurna* e da *postura aginástica* ou *ilusória* dos sentidos nos transportam para a mais luminosa e profunda *visão nocturna* e para a mais justa e verídica *postura ginástica*.

A física dá-nos uma energia que se conserva, mas caindo para estados em que se vão sumir e desaparecer todas as transformações: tudo são rios tombando para o Mar. Para um Mar para o qual por último nenhum Sol terá beijos suficientemente ardentes para lhe erguer as águas em asas de névoa a tombarem de novo em cascatas do alto das serranias... os mundos morrem e os homens desejam crescer em amor e compreensão<sup>41</sup>.

<sup>39</sup> «Sobre a Saudade».

<sup>40</sup> *LI.*, p. 260, 265.

<sup>41</sup> «Sobre a Saudade».

A irreversibilidade da Vida! Como todos sentem e compreendem a angústia destas palavras. Elas lembram à Mulher que os seus encantos não-de fenecer e as oferendas de carinho e de ternura lhe vão faltar. Elas lembram ao homem que a juventude vai fugindo e, pela estrada da Vida, vão ficando perdidos os sonhos. Todos conhecem esse sentimento do *nunca mais*. Olhamos os nossos filhos: o coração dolorido embebe-nos e os lábios abrem-se num beijo, feito da nossa fluida ternura. Mas o beijo caiu e uma tristeza outonal leva para *nunca mais*. Nunca mais será aquele o nosso filho <sup>42</sup>.

O desejo profundo, vital e sempre operante na vivência saudosa vai criando e fornecendo aos homens os instrumentos de luta contra a ausência, o esquecimento e a dispersão até se identificar, para lá da ciência, pela filosofia como uma verdadeira *Luta pela Imortalidade*:

Conhecer é sempre anunciar na transitividade dos mundos a estabilidade da Ideia... O conhecimento do mundo sensível é, por um lado, a inserção da alma na mortalidade da matéria; é também na fluência da matéria a serena iluminação do Espírito... O conhecimento é, pois, fundamentalmente uma obra da Saudade... Saber não será recordar; mas é, pelo menos, inserir no fluxo sensível a firmeza dum juízo que o domina <sup>43</sup>.

Protesto e triunfo, ainda que parcial, contra o esquecimento e o sono, *irmãos mais novos da morte*, o conhecimento intelectual, promoção da Saudade, é, deste modo, o resgate de todos os seres abandonados ao seu isolamento pelas ideias que os acolhem e guardam na estabilidade conservativa da Memória:

E toda a vida é uma luta, um drama, um combate, um permanente esforço para segurar a instantânea luz da Memória, vaga dum mar de Outra Vida, aflorando subtil à praia que nós somos... A realidade é esse combate levado a planos diferentes e somente vitorioso pela audácia dos Argonautas que se aventuram no grande Oceano da Memória que espontaneamente e em catadupa jorra do infinito coração divino <sup>44</sup>.

Por diversas vezes e em diversos lugares se refere Leonardo Coimbra aos sábios, aos poetas e aos santos como a verdadeiros Argonautas do mistério <sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> «Apresentação do caricaturista Leal da Câmara» em *A Montanha* n. 121 de 20 de Julho de 1911.

<sup>43</sup> «Sobre a Saudade».

<sup>44</sup> «Camões e a fisionomia espiritual da Pátria» em *A Tribuna* 47 de 11 de Junho de 1920.

<sup>45</sup> *Ibid.*.

Sendo a expressão natural e espontânea do desejo latente e incoercível de tudo unir e conservar, sendo, isto é, obra de amor, o conhecimento só poderá realizar-se autenticamente no respeito pela integral diferença dos singulares. Aqui reside a sua essência:

Compreender é amar, amar é acender o Sol da Unidade na convergência de todos os caminhos das almas <sup>46</sup>.

Mas aqui reside também a sua vertigem e tragicidade, que Leonardo Coimbra sentiu agudamente e soube exprimir com acentos de sublime dramatização em tantas páginas da sua obra:

O conhecimento separa os espectadores do Espectáculo e, de novo, lho revela por uma ulterior inquirição. Pelo conhecimento se destacam as almas, subidas ondas do oceano a olharem a sua interminável superfície, para logo saudosas do vale da origem, curiosas de mil visionadas irmãs...

O enigma do conhecimento!

Penetrar o alheio, quando a sua compreensão o ameaça dum aniquilamento, duma assimilação identificadora, que lhe apague a fisionomia!

Conhecer, penetrar o outro, quase fazê-lo o mesmo; ser na onda sonora o estremecimento que a gera; ser na voz do sino aldeão o frémito de bronze; na silenciosa curva do planeta, o próprio abraço que a sustenta!

Não ser os outros e conhecê-los!

Oh! a sagrada maravilha do Mistério!

Conhecer, compreender e não aniquilar! <sup>47</sup>.

Na sua mais funda autenticidade, o conhecimento é visto em termos de actualização de certas virtualidades existentes no *mesmo* e que nele despertam e adquirem forma ao contacto com a experiência do *outro*. Entre o *mesmo* e o *outro* existe um certo ar de família, uma certa proporção e harmonia que tornam compreensível o conhecimento:

Conhecer é adaptar as formas de pensamento às formas da realidade... Dum lado, a consciência no homem; do outro, uma realidade envolvendo também uma Consciência e unindo as duas o facto universal do conhecimento que é possível e acerta <sup>48</sup>.

Note-se a afirmação da existência duma Consciência que envolve a consciência humana e a realidade, o que equivale a admitir a memória

<sup>46</sup> «O Mistério» em *A Águia* 3.ª série n. 7 (1923).

<sup>47</sup> *ADG.*, p. 30-31.

<sup>48</sup> «Sobre a Saudade».

latente do *outro*, o qual desde sempre está presente orientando e finalizando o dinamismo cognitivo e volitivo do *mesmo*. E assim o conhecimento é uma *criação* já que nasce como co-nascimento recíproco do *mesmo* e do *outro* que mutuamente se provocam e solicitam sem jamais se absorverem ou destruirerem:

O mesmo e o outro são relações do pensamento, dialécticas e evolutivas. Nunca ficarão, pois, o mesmo e o outro em absoluta oposição; mas sim, em relação de posição por um mesmo pensamento que os determina e realiza <sup>49</sup>.

O homem é um ser dilacerado no mais íntimo de si mesmo, buscando-se através dos sinuosos caminhos da sua inteligência e vontade:

O homem parece um ser dado em natureza para que se reencontre e possua em consciência e liberdade. A sua natureza é liberdade, mas a liberdade não existe enquanto se não fizer consciente e para si <sup>50</sup>.

É esta natureza que promove uma dialéctica interna e emotiva prévia à dialéctica consciente, intelectual e abstracta que Leonardo Coimbra classifica de *dialéctica da Saudade, forma lusitana da criação* <sup>51</sup>.

#### b) O conhecimento intersubjectivo

A relação íntima ou a quase identificação entre *Criacionismo* e *Saudosismo*, já verificada para o fenómeno do conhecimento em geral, torna-se mais evidente ainda se o examinarmos ao nível da intersubjectividade, onde a Saudade, ressonância na consciência de cada uma das múltiplas sonoridades de todos os outros, nos conduz pelos caminhos do sentimento e da simpatia a uma ontologia e a uma ética eminentemente vivenciais e concretas. O movimento de evolução ou diástole da dialéctica da Saudade deu-nos o conhecimento do mundo exterior. O seu movimento de sístole ou involução faz refluir cada consciência a uma maior e mais profunda intimidade consigo mesma.

Este movimento de sístole ou de dialéctica involutiva é iniciado por um sentimento de humildade a traduzir a imperfeição e limites do

<sup>49</sup> PC., p. 189.

<sup>50</sup> *A Rússia de Hoje e o Homem de sempre* (R) Porto, 1935, p. 8.

<sup>51</sup> «Regresso ao Paraíso de Teixeira de Pascoais» em *A Águia* 3.ª série 2 (1922) 49-62.

homem que se reconhece *princípio de nada e fim de coisa nenhuma*. Esta humildade que é a verdade da nossa condição, abre lugar ao espanto, à admiração e entusiasmo diante de tudo o que excede e empolga. Leonardo Coimbra parece ter tocado a profunda intimidade deste sentimento quando explica:

É o sentimento da nossa virtualidade de grandeza actualizando-se, o sentimento material do nosso crescimento intrínseco, da nossa participação e cooperação numa ordem de coisas acima do trivial<sup>52</sup>.

E noutros lugares:

A pureza do coração, o estado de humildade e fé é já a pequenez do nosso ser quotidiano medido pelo infinito invisível que em silêncio está connosco<sup>53</sup>.

A admiração consciente pelos grandes homens é a estima pela nossa parte de intimidade chamada à vida pelo seu esforço e valor. A paixão de cada um por um certo exemplar humano não é mais do que o reconhecimento, nesse tipo, da melhor parte da sua alma, subida da profundidade do desejo ao sol da realidade<sup>54</sup>.

Diante da vastidão do mar e da imponente da montanha, perante a sedução e fascínio dos grandes homens, face ao confiado abandono das crianças não há quem não se abra à maré de sentimentos alevantados de bem-querer e de bem-fazer, que envergonham e soterram a nossa quotidiana pequenez tão arrogante e complicativa. A alma sobe a acordar-se com as alturas e imensidades entrevistas ou simplesmente sonhadas porque nelas pressentiu ou adivinhou o seu lugar metafísico, «a primavera eterna que suas asas parecem demandar»<sup>55</sup>.

Experiências raras e solenes que nos trazem vozes do Silêncio e do Deserto teimando em devolver-nos à verdadeira estatura de nós mesmos. Este sentimento de humildade-espanto, de humildade-assombro mais não é do que acordar de virtualidades latentes que nos reconduzem à melhor companhia de nós mesmos, da qual tantas vezes andamos alheados e arredios. Aqui sobretudo tem pertinência o

---

<sup>52</sup> «Sobre educação» em *A Águia* n. 5 (1911).

<sup>53</sup> «O Espírito do Cristianismo» em *A Nossa Revista* n. 6-7 (1922).

<sup>54</sup> *ADG.*, p. 125.

<sup>55</sup> «Sobre a Saudade».

recurso à Saudade como esquema interpretativo. Tudo se resume e contém nesta fórmula lapidar:

O homem nasce e a sua vida interior desperta em desejo de regaço materno <sup>56</sup>.

Há, com efeito, no homem uma tendência, uma inclinação natural e invencível para a fonte que lhe deu origem, para a pátria que deixou e que se manifesta na busca incansável de uma adesão total, de um perfeito acordo com o Ser que lhe deu o ser e de cuja presença vigilante a Alegria é a mais espontânea e opulenta celebração. Se o símbolo cósmico deste acordo ou harmonia e da Alegria que lhe corresponde é a aurora, a criança é o seu símbolo humano que, por mais intuitivo e eloquente, mais fala à nossa intimidade faminta de companhia e comunhão.

Do poder evocativo, da força irresistível de acordo e reconciliação que em nós pode despertar a cândida e transparente inocência de uma criança adormecida ou a graça intimativa da sua angústia suplicante são documentos irrefragáveis dois episódios narrados em *A Alegria, A Dor e A Graça*:

Eu sei duma família que foi assassinada pelos criados infiéis, escapando apenas uma criança de dois anos. A visão da criança adormecida na serena e risonha inocência foi como se o Sol entrasse no peito dos algozes; fugiram com ela a gritar ao mundo o clamor dos seus remorsos. Na prisão confessaram que estrangular a criança lhes pareceu um acto materialmente impossível <sup>57</sup>.

O segundo episódio passa-se com o legendário cego do Maio:

Esse herói era sereno, duma mansidão patriarcal. Certo dia um pescador importunou-o a ponto do Cego lhe prometer castigo. Um filho do importuno, puxando-lhe pelo casaco, disse: Cego, não batas no meu paizinho...

O herói tomou a criança, beijou-a e largou a fugir precipitadamente... <sup>58</sup>.

---

<sup>56</sup> «Sobre a Saudade».

<sup>57</sup> ADG., p. 11.

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 12.

A leitura interpretativa de Leonardo Coimbra é bem significativa da penetração abissal do seu olhar metafísico que, de pronto, se coloca na perspectiva essencial:

Não conheço gesto humano que tanto valha, quer dizer, que tão claramente exiba a divindade dramática do homem. Nunca a carne foi tão nitidamente pensamento, ansiedade metafísica... Sob os olhos da Alegria originária, da unidade amorosa, aqui, é na própria carne que se passa o drama, é ela que actua este pensamento: foge à tentação, foge de ti mesma... Maravilhoso exemplo da complexidade das relações entre o ser e a aparência: o herói quer em si a alma infantil a que obedece e vê que só na ausência do corpo ele possuirá a sua presença... Onde a aparência inverte ele sabe, em carne e osso, refazer a realidade! Todas as explicações teóricas da dialéctica da aparência e da realidade são ultrapassadas pela simples atitude dum humilde homem do mar que quer estar de acordo com uma criança<sup>59</sup>.

É sempre a presença excedente e gratuita, a presença opulenta e criadora do Ser que aqui actua por conaturalidade e simpatia. Das crianças, o sorriso inocente da primeira e a fragilidade intrépida e suplicante da segunda não só desarmam a suficiência e segurança dos adultos como os devolvem de imediato à sua verdadeira estatura e condição de indigentes e fraternos, também eles a mendigar companhia e ternura para a sua solidão e angústia. Muito antes de Levinas, muito ao contrário de Sartre, Leonardo Coimbra descobriu no outro e, mais concretamente, no rosto da criança, o lugar privilegiado onde, a intermitências, luareja a transcendência, que desde o princípio e por dentro tudo habita, tudo sustenta e tudo abraça<sup>60</sup>. As sensações, com o seu natural cortejo de afectos e emoções, com o seu largo desenho gestual, são como que uma condensação de pensamento que pensa mais e melhor do que o próprio pensamento pensante. De facto, a sensação e tudo o que ela encerra «corresponde a intuitos do Ser, possui um valor de realidade que nada pode substituir»<sup>61</sup>.

---

<sup>59</sup> *Ibid.*, p. 12-13.

<sup>60</sup> *LI.*, p. 258-259.

<sup>61</sup> *ADG.*, p. 24.

### 3. O problema de Deus

Pelo conhecimento e vontade amorosa, que estruturam a consciência, Leonardo Coimbra conclui que:

A consciência humana dá ao Universo uma unidade de querer que é bem a imagem dum mais completo e perfeito querer, que equilibra os orbes, sustenta a vida e exalta o homem em esforço de fraternidade e justiça <sup>62</sup>.

A dialéctica criacionista, que da ciência sobe à moral e se expande na religião onde as consciências se dão em acções de ilimitada generosidade, só encontra termo e justificação na Consciência das consciências, ou seja, no infinito amor de Deus. É o momento em que a inércia da mecânica mais do que o laço mínimo que une cada actividade a todas as outras <sup>63</sup>, é «o socorro de Deus mandado ao Nada» <sup>64</sup>. É sobretudo o momento em que todos os seres finitos surgem como outras tantas esmolos do Ser <sup>65</sup>. A força viva, excedente e criadora, que é a pessoa, quer prolongar a sua vida até ao absoluto, de modo a «pôr no quotidiano o valor e o significado do eterno, unir ao beijo o coração, ao amor a própria fonte eterna de amor, à lágrima a alegria da promessa, da bondade e da íntima compreensão de tudo» <sup>66</sup>.

A acção espalha-se em abraços crescentes, tentando enlevar toda a vida e os elos da acção religiosa são pensamentos bebidos na eterna e infinita fonte da continuidade moral <sup>67</sup>.

Exemplo frisante desta continuidade moral é o D. Quixote, símbolo do homem que não se deixa abater pela adversidade e acredita no valor sagrado do seu dever, teimando em cumpri-lo apesar dos constantes desmentidos das obras do mal e da morte <sup>68</sup>.

A existência de Deus é apreendida pelo pensamento e na própria vida do pensamento, «mas como se a ramagem aberta da árvore sentisse as longínquas raízes mergulhadas num imenso e infinito oceano de luz» <sup>69</sup>. Não

<sup>62</sup> PC., p. 186.

<sup>63</sup> LI., p. 255.

<sup>64</sup> «O Mistério» em *A Águia* 3.ª série n. 7 (1923); *O Pensamento filosófico de Antero de Quental*, Porto, s.d. (1921).

<sup>65</sup> *S. Francisco de Assis — Visão franciscana da Vida*, Porto, 1927, p. 36.

<sup>66</sup> C., p. 241.

<sup>67</sup> C., p. 300.

<sup>68</sup> ADG., p. 144-5.

<sup>69</sup> C., p. 301.



é, pois, da abstracta ideia de perfeição que Leonardo Coimbra tira ou conclui a existência de Deus. Mas é da sua realização concreta, do seu crescimento laborioso e gradual pelo esforçado pensamento criacionista que surge a *sensação* de opulenta presença duma fonte originária de unidade e bondade, de um Infinito amor que ergue e sustenta o Universo <sup>70</sup>.

Kant é aqui aumentado e corrigido por Leonardo Coimbra que encontra secretas afinidades com o pensamento de Descartes, o qual nas suas primeira e quinta meditações tenta mostrar que a ideia de perfeição não pode encontrar causa suficiente senão em Deus e que esta perfeição é o infinito moral afirmado pelo pensamento <sup>71</sup>.

Como o primeiro esboço de asa foi, pode dizer-se, um sonho de azul, assim o último pensamento é uma audácia e um ímpeto, a humildade da hipótese e o vigor da esperança <sup>72</sup>.

A existência de Deus é como um alimento que satisfaz a nossa fome e sede de sempre excedidos actos de bondade e amor. Ora, diz, «se um alimento nos faz crescer é porque contém a química de que carecemos» <sup>73</sup>. Quer dizer que se Deus é o único alimento que explica a continuidade da vida moral, esse Deus existe. E se existe, Ele será «a infinita actividade de bem, sempre pronta e dadivosa» <sup>74</sup>, «Ele será o infinito excesso» <sup>75</sup>.

Neste momento a vida religiosa atinge o máximo de realidade, e do infinito divino podem irromper as grandes personalidades religiosas. Neste sentido é Cristo um afloramento divino. É o transcendente, o absoluto, o eterno, mudando a rocha em fonte, exaltando a vida em desmedida certeza, vulcanizando esperanças, jorrando universal dilúvio de fé <sup>76</sup>.

Manifestações exuberantes e irrecusáveis dessa presença são a vida de Francisco de Assis e sobretudo a vida de Cristo, que atravessa a dor e o sofrimento como quem, ardendo de luz própria, leva dentro de si a certeza da vitória <sup>77</sup>.

---

<sup>70</sup> LI., p. 258.

<sup>71</sup> C., p. 299.

<sup>72</sup> PC., p. 185.

<sup>73</sup> «Sobre a Saudade».

<sup>74</sup> C., p. 305.

<sup>75</sup> C., p. 292.

<sup>76</sup> C., 301.

<sup>77</sup> ADG., p. 162.

Deus é esse Infinito em que vive, floresce e frutifica a consciência religiosa <sup>78</sup>.

Os atributos morais são insuficientes para a plena identificação da realidade a que se referem. Lenardo Coimbra tem disso perfeita consciência:

Não sabemos nem podemos saber o que seja essa livre actividade a que o mundo não faz obstáculos, esse puro amor que todo o Universo sustenta <sup>79</sup>.

Mas o saber que, se Ele existe será a infinita actividade de bem, sempre pronta e dadivosa, o infinito excesso, é, humanamente falando, um muito e gratificante saber <sup>80</sup>;

É indubitável que Leonardo Coimbra chegou a um conceito tão depurado de Deus que o põe a coberto de toda e qualquer suspeita de panteísmo e gnosticismo. Mais: é um conceito de Deus que, por imperfeito e incompleto, fica inteiramente disponível e aberto a toda a eventual revelação que porventura do lado de Deus venha completar e enriquecer as conclusões a que o elevou a dialéctica filosófica. No artigo *Sobre a Saudade*, Leonardo Coimbra chega mesmo a outorgar-lhe o atributo da *paternidade*, o que logicamente o leva a concluir que, nesse caso, o grande facto da história seria a teandria: «Deus habitando o templo dum corpo humano e falando» <sup>81</sup>.

O ter chegado a semelhante conclusão indu-lo a procurar diligentemente sinais da sua eventual presença na história, já que é próprio de um pai procurar a companhia dos filhos como estes procuram o amor e a protecção do Pai. Ora, continua Leonardo Coimbra, «o Cristianismo na História é o facto que responde a esta pergunta» <sup>82</sup>. Ele próprio de há muito que o reconhece e aceita. Nessa perspectiva o *Logos* de S. João surge-lhe como sendo

o Sol inteligível descendo voluntariamente a iluminar a indecisão platónica, como resposta de Deus à insuficiência angustiosa dos homens <sup>83</sup>.

---

<sup>78</sup> C., p. 301.

<sup>79</sup> *Ibid.*.

<sup>80</sup> C., p. 292.

<sup>81</sup> «Sobre a Saudade».

<sup>82</sup> *Ibid.*.

<sup>83</sup> R., p. 23.

A resposta é tão chegada à ansiedade indagadora que logo a excede em jubilosa exultação nascida de uma inefável presença que inteiramente a penetra e inunda. É o momento em que Cristo lhe aparece como a encarnação viva do ideal para que tendem todos os homens do mais fundo de si próprios.

O Ideal é agora uma pessoa viva e presente, do tempo e da eternidade — o abraço da terra e dos céus, do finito e do infinito, da transividade e do Ser, do histórico e do eterno <sup>84</sup>.

Presença de Deus no mundo em moldes humanos, Cristo fez com que

no tempo palpitasse o coração da eternidade, e no estreito peito do homem batesse o coração do Infinito <sup>85</sup>.

Cristo é o Filho de Deus descendo ao tamanho do Homem para elevar o Homem a alturas de divindade. Nele se compreende e resolve o enigma da vida ciosamente guardado no olhar esfíngico de negrume e solidão à entrada do Deserto:

Cristo é o desenlace eterno do drama das criaturas porque é o eterno enlace das criaturas em Deus. Cristo é o ponto de encontro da alma que sobe em oração com o amor divino que desce em relâmpago enchendo de luz o Abismo <sup>86</sup>.

O Homem resume e concentra em si todas as saudades do Mundo, que sofre e geme em aspiração e tendência de mais e melhor unidade:

O homem é a saudade do Mundo, subindo para Deus... Todos os sonhos de amor, os desejos de bem, as deliquescências da piedade correm os espaços e acumulam-se nos limites, como as ovelhas perdidas, acossadas de lobos, se juntam à porta do abrigo... O sopro *originário* alteia o coração do homem, entumecendo-lhe os lábios numa oração de amor e saudade <sup>87</sup>.

E Deus, que é Pai, atende e acolhe benevolmente a humildade suplicante que pela mão do Homem sobe da Terra ao Céu. E do

---

<sup>84</sup> R., p. 23-4.

<sup>85</sup> «Sobre a Saudade».

<sup>86</sup> «Natal — Vozes do meu silêncio» em *Atlântida* n. 26 (15 de Dezembro de 1917) 880-882.

<sup>87</sup> *Ibid.*.

encontro destas duas saudades que incessantemente se buscam, «nasce o verbo luminoso, a palavra perfeita de comunicação»<sup>88</sup>.

A mão que se ergue em súplica encontra a mão que ampara e protege; os olhos que sondam a treva saturam-se duma luz inefável, à flor da qual, e sem atritos, boiam todas as almas<sup>89</sup>.

Aos olhos abismados de Leonardo Coimbra, Cristo aparece como «a Saudade de Deus e do Homem unindo-se num ósculo»<sup>90</sup>.

Compreendemos então que «nas terras da Palestina houve dias de Céu e ao clarão aceso no Infinito responde o faiscar da Saudade em tantas almas», romeiras dum permanente e intermínio regresso à pátria de origem, que é o seio de Deus<sup>91</sup>.

A ideia criacionista, esboçada inicialmente ao nível do conhecimento científico, presente de uma maneira mais verbal do que real, cresce e avoluma-se com o aproximar da actividade espiritual da pessoa, livre e consciente, onde revela toda a sua pujança e fecundidade no que Leonardo Coimbra frequentemente apelida de *continuidade da vida moral*<sup>92</sup>. Deparamos aqui com o «puro e absoluto criacionismo, a intranha metafísica do Universo»<sup>93</sup>. E é curioso observar que à medida que a verdade do criacionismo mais se adensa e melhor se impõe, menos frequente se torna a sua expressão verbal, até desaparecer quase por completo, substituída pela expressão mais abundante e flexível de *excesso* ou *excedência*. A verdade é que o *criacionismo* ou *excedência* é ainda a melhor analogia para traduzir em linguagem humana o que da Revelação cristã mais e melhor se mostra ou revela. Na verdade, Cristo, o Revelador, longe de abolir ou eliminar a memória do Homem, veio despertá-lo para uma *lembrança imemorial* que lhe permite reencontrar-se com o que de mais fundo e autêntico nele indelevelmente persiste: *a sua exigência ou fome de eternidade*.

A vida é, no plano biológico, sensibilidade; é, no plano social económico, troca de serviços e de bens; é, no plano intelectual, florescência em ideia da forma de todos os seres; é, no plano espiritual, fome de eterno e infinito, consciência do dever e caridade.

<sup>88</sup> *Ibid.*.

<sup>89</sup> *Ibid.*.

<sup>90</sup> *Jesus*, Porto, 1923, p. 81.

<sup>91</sup> «Sobre a Saudade».

<sup>92</sup> *C.*, p. 267; *LI.*, p. 316.

<sup>93</sup> *C.*, p. 252.

E só no plano espiritual se pode fazer a integração do ser e aí a vida é uma samaritana dando água que é amor e recebendo amor que é água viva, fazendo-a crescer em renovado amor de Deus e mais profunda alegria de posse e contemplação <sup>94</sup>.

A vida que Cristo veio trazer ao proclamar-se o Caminho, a Verdade e a Vida, é a mesma *excedência* enquanto fonte criadora jamais excedida sequer igualada pelas obras que vai deixando ao longo do seu percurso terreno:

*Fons vincit sitientem*, fonte maior que as sedes e, por isso mesmo, sedes aquietadas, sem febre, nem receio de perda, mas sedes crescendo sempre e permanentemente saciadas. Cresce a sede e a água e a sede cresce porque a água é amor e amor de mais amor.

Vida de plenitude, mas plenitude viva, um pleno que se faz e refaz perenemente, porque esfera tangente a um Infinito que a envolve, e, por Amor, a contacta, solicitando-a para além <sup>95</sup>.

Não trairemos o pensamento de Leonardo Coimbra se dissermos que para ele a Revelação cristã lhe aparece como a mais opulenta e solene celebração da *Memória*. Da memória ou presença dos homens em Deus para que Deus seja presença viva e fecunda de todos os outros na memória de cada um.

A este propósito o diagnóstico implacável e sombrio que Leonardo Coimbra fez da situação espiritual do seu tempo aplica-se perfeitamente aos nossos dias:

A vida moderna é duma dispersão assustadora e mortífera. A alma não se recolhe, vive numa permanente exteriorização. Não há vida interior. Um vento de tempestade espalhou as almas e lançou a vida numa vertiginosa corrida de ambição e loucura. O presente é um importuno a afastar-nos dum ambicionado futuro, fugindo sempre, como as miragens, diante dos nossos precipitados passos. O lar, o abrigo das ternuras reconfortantes, perdeu-se na vertigem da vida moderna, toda de ruído, ambição e desesperado movimento. A pátria, esse outro reduto de fecundas tradições e clos de solidariedade, é uma ficção palavrosa, ou uma terrível voracidade de fauces arreganhadas para ambicionadas presas. A humanidade — uma vaga aspiração de alguns vagos filósofos. O Universo — uma terrível mole, sob o peso da qual, o homem sossobra e define <sup>96</sup>.

---

<sup>94</sup> R., p. 152-3.

<sup>95</sup> R., p. 26.

<sup>96</sup> C., p. 309.

Feito o diagnóstico não é difícil descobrir o remédio. Seja-nos permitido lembrá-lo aqui, pela sua flagrante actualidade, como se fora um testamento deixado por Leonardo Coimbra a todos os que, como ele, querem viver, na sua pátria, as preocupações e os anseios do *Homem de sempre*:

É preciso levantar os corações abatidos; que as almas perdidas em caminhos negros, tortuosos e sem fim sejam conduzidas ao peito humano, ao recolhimento doméstico...

Que os homens voltem a casa e, então, de dentro do seu lar, no fumo do seu fogo e no calor da sua intimidade, a alma humana de novo subirá até Deus. Este humilde planeta levará, em si, uma alta e acordada consciência. É o homem que pensativo e ansioso, de pé no seu planeta, sustenta religiosa, heróica e comovidamente, os ideais da beleza, da verdade, da justiça e do amor...

A justiça é o eterno sol, alumiador dos mundos. Que ele beije as praias da mais desolada e fria Terra e ela será uma cratera de fogo! <sup>97</sup>.

MANUEL BARBOSA DA COSTA FREITAS

---

<sup>97</sup> C., 309-310.